O Espião Português

A sua vida era uma mentira.
Ninguém sabia, muito menos ele.

Tempo Presente

O homem corria. Perseguido pelos guardas, incerto de quantos eram, olhou para trás, enquanto acelerava ao longo do corredor. Eram apenas dois. Não, afinal, eram três, embora provavelmente mais viessem no seu encalço. De arma em punho, gritavam, bradando palavras em sueco, ordenando-lhe que parasse.

Um deles atirou, mas falhou o alvo, acertando meramente numa luz de presença, que se estilhaçou aparatosamente. Vindo de cima, o besouro do alarme começou a ressoar nos ouvidos do fugitivo. Parecia-lhe que o corredor não tinha fim. Sentia a sola dura dos sapatos a escorregar, embatendo rapidamente contra o chão de pedra e as dores no pé acentuavam-se cada vez mais, começando a incomodá-lo.

— *Stanna, stanna!* — instavam os guardas.

Mas o homem sabia que parar não era uma opção. Não podia abrandar, apesar da respiração ofegante e do coração descompassado. Os olhos cinzentos iam húmidos, molhados pela transpiração. Juntamente com os lábios, eram as únicas partes do rosto que a balaclava negra que usava deixava entrever.

O fugitivo avistou uma curva. Se estudara bem a planta do palácio, as escadas deveriam surgir adiante. No entanto, os guardas não desistiram e voltaram a disparar, com o estampido das pistolas a sobrepor-se às palavras de ordem que lhe dirigiam.

O homem encolheu-se, sentindo silvar muito perto de si.
Porém, *Freelancer* continuou a correr.
Cada vez mais depressa.

A perseguição continuou nas escadas. Gustav, Fredrik e Carl, os três guardas que naquela noite estavam de serviço à ala sul, galgaram dois degraus de cada vez, avistando o intruso dois lances acima. Era alto, um pouco menos que eles, mas com uma estatura que deveria rondar um metro e oitenta centímetros. Obviamente atlético, tinha na cabeça um carapuço preto e usava um fato e gravata da mesma cor.

Quantos homens assim haveria ali exatamente iguais a ele? Deveriam ser dezenas, pensava o mais experiente dos militares, enquanto parava e atirava na sua direção.

Gustav baixou a arma, sentindo-se frustrado. O seu esforço era inútil. O fugitivo movia-se demasiado depressa, não se deixando atingir. Pelo poço das escadas, viu-o chegar ao último piso. Olhou para os colegas, estranhando o rumo que levava. *Para onde irá ele?*, refletiu, intrigado. *Ali em cima, naquela ala, só existe a capela real, que está a ser restaurada... Ou será que o intruso se dirige ao telhado?*

Pegou no rádio e informou a central de controlo sobre a posição do fugitivo. Os reforços vinham a caminho.

Iluminado apenas pelo luar que entrava pelas janelas altas, ainda a sós no interior da capela, o homem tentou estabilizar a respiração. Estava imerso no silêncio, diante daquilo que lhe parecia ser um altar. A pequena capela tinha dois andares, o teto era branco, pintado com frescos dourados, onde se viam crianças angelicais, que, entre as nuvens, o espreitavam, divertindo-se.

Os olhos cinzentos seguiram a linha dos bancos de madeira até ao retábulo. Eram sobreviventes do incêndio de 1697 e considerados verdadeiras preciosidades. Ao fundo, percebeu que existiam duas portas escuras, com um ar antigo. Ainda ponderou se deveria correr para elas, mas rapidamente percebeu que não se tratava de uma opção viável.

Quando era criança, o pai oferecera-lhe um exército de soldados de chumbo. Recordava-se de que vestiam umas fatiotas azul-claras, com botões vermelhos, e usavam capacetes metálicos, que mal deixavam ver-lhes os olhos. Esses eram de brincar, claro, mas naquele momento, apostava que um grande corso deles, de carne e osso, bem reais, estariam do outro lado, urgindo para as portas.

O homem desistiu da ideia e olhou em redor, estudando as janelas altas da capela. De um dos lados, reparou que estavam escuras, cobertas, o que significava que davam para a ala este do palácio. Logo, à sua esquerda deveria localizar-se o pátio interior.

O intruso ouviu os passos dos guardas chegarem ao cimo das escadas. Sabendo que não deveriam demorar mais de um minuto a entrar ali, observou a estrutura que tinha por cima. Parecia um varandim, mas, ao dar um passo em frente, percebeu que na realidade se estendia para cima, formando tubos metálicos, que refulgiam sob o luar que entrava através dos vidros. Era um órgão. E ao lado dele, pendendo do teto, presos por cabos de aço, havia dois candeeiros.

O homem leu a inscrição que se via por cima. Dizia: *Laudate Domininum in Sanctis.*

Ouviu os guardas aproximarem-se, preparando-se para entrar na capela.

— Tenho de aprender Latim — disse ele, entre dentes.

Vendo a porta aberta, Gustav fez um sinal de cabeça a Fredrik e Carl, ordenando-lhes que o seguissem. Com o mais velho dos três no meio, avançaram, descrevendo movimentos laterais rápidos ao passarem pela porta que dava acesso ao órgão. Estava vedada por uma fita amarela, que permanecia intacta.

Ignorando-a, avançaram até ao interior da capela, deparando-se com uma fiada de bancos de madeira antigos, que se estendiam pela nave, em direção ao altar. O som das palavras oriundas do intercomunicador quebrou o silêncio que inundava a igreja. Os outros guardas vinham pela ala este. Se ainda não se tinham cruzado com o intruso, então, só havia uma explicação — ele escondera-se ali dentro.

Carl, o mais jovem e inexperiente dos três, acatou a ordem de ficar sob o varandim e, de arma em riste, cujo cano escuro tremelicava, observou os colegas avançarem, inspecionando os bancos. Dava tudo para naquele momento não estar ali e só desejava que o comandante, que o destacara para o evento, alegando que seria um turno sossegado, se engasgasse com o fumo do charuto que parecia nunca lhe sair dos lábios.

O soldado sentiu algo frio cair-lhe na cara, como se fosse um pingo de água. Sabia que a capela se encontrava em obras, mas não só não acreditava que o telhado vertesse, como estava quase certo de que não chovia, apesar de ter nevado durante todo o dia. À sua frente, Gustav e Fredrik continuavam a vasculhar os bancos de madeira.

Um novo pingo atingiu uma das faces de Carl. Sentindo-se irritado, rodou lentamente a cabeça, olhando para cima, tentando perceber de onde vinha. Mas o que viu deixou-o inesperadamente confuso, parecendo-lhe, por momentos, que o mundo se virara ao contrário.

Não havia explicação para aquilo, mas havia um homem pendurado no teto do varandim, sobre ele. Usava um fato e uma gravata pretos, e no meio da balaclava negra que lhe cobria o rosto, fitavam-no uns olhos cinzentos e transpirados.

Não revelavam qualquer expressão.

Palácio Real, Estocolmo, Suécia
Cimeira da União Europeia - Baile de Encerramento

Uma Hora Antes

Um homem de olhos verdes, com um fato completo e uma gravata pretos, começou a subir a escadaria ocidental. Tinham-lhe dito que Tessin, o arquiteto do palácio, se sentira particularmente orgulhoso dela, o que, pelo que podia ver, não era para menos. Nevara todo o dia e a forma como o amarelo das luzes se refletia nos degraus de mármore e pórfiro conferia ao espaço uma atmosfera que, no mínimo, poderia ser descrita como acolhedora.

André continuou a subir, tentando ignorar o desconforto que sentia. As dores no pé direito acentuavam-se, algo que atribuía à sua falta de bom senso. Calçava uns sapatos novos e já deveria saber que se arrependeria de os usar. Passara o dia com a sensação de ter um rato escondido lá dentro, a roer-lhe o dedo grande, e antes da receção às individualidades estrangeiras, ainda passara pelo hotel, com a esperança de descansar um pouco. Fora impossível.

A comitiva portuguesa continuou a progredir pela escadaria ocidental. A ocasião era solene, notando-se na decoração grandiosa e na formalidade com a qual todos se comportavam. A Suécia transferia a presidência da União Europeia para a Áustria e, daquela vez, os nórdicos tinham decidido retirar-se em grande.

Todavia, André não se sentia intimidado. Pertencia a uma família de diplomatas, algo que desde jovem o deixara à vontade com o protocolo, para além de já trabalhar no Ministério dos Negócios Estrangeiros há mais de quatro anos, praticamente três ao mais alto nível.

Era responsável pelo Gabinete de Informação e Imprensa do ministério, um cargo que acumulava com a função de secretário pessoal do ministro, estando, por isso, habituado a ambientes como o daquela noite. O resto do pessoal que os acompanhara — principalmente, tradutores e outros administrativos — já ia a caminho de Lisboa, devendo estar a bordo de um avião qualquer, entretido a ver um filme, ou a ler um livro. Mas não ele. A si, reservavam-lhe outros privilégios.

Embora, na verdade, depois de passar toda a tarde a enviar aos meios de comunicação social portugueses notas de imprensa e de praticamente ter trucidado um pé enquanto o fazia estoicamente, não se sentisse particularmente afortunado.

André continuou a calcorrear os degraus. João Santos Ferreira, o ministro dos Negócios Estrangeiros português, seguia à sua frente, conduzindo, apoiada no seu braço, a esposa, Madalena, cujos saltos acentuavam ainda mais a diferença de alturas do casal.

A mulher ia elegante, como sempre, espalhando charme. Era bastante alta, tal como o jovem secretário, e, apesar de ter ultrapassado recentemente os 40 anos, e de não esconder uma ou outra ruga que teimavam em aparecer, o vestido preto e simples que usava realçava a beleza natural conferida pelos traços finos e o cabelo curto, encaracolado.

Já o marido, era tipicamente português. Baixo e barrigudo, quase atarracado, acabava por ter um ar castiço, que desarmava qualquer um à primeira impressão. E mesmo os pelos brancos que lhe tingiam cada vez mais a barba, não o envelheciam, fazendo-o parecer austero, ou cansado. Pelo contrário, ultimamente, adquirira apenas uma aura de bonomia e distinção.

Quase no fim da escadaria, a pequena comitiva portuguesa ficou ainda mais reduzida, com o primeiro-ministro do país e a mulher

a deixarem-se ficar para trás, entretidos a cumprimentar os congéneres franceses. Poderia parecer um mero ato de cortesia, mas na realidade tratava-se de algo mais importante do que isso. No âmbito da presidência tripartida da União Europeia, dali a seis meses, Portugal iria suceder à Áustria, passando depois a responsabilidade aos gauleses, sendo, por isso, importante que os dois países estreitassem relações.

Indiferentes, João e Madalena Santos Ferreira continuaram em frente, trocando um olhar cúmplice com o secretário. A afinidade que ele sentia em relação ao ministro nascera há muito, ao ponto de, se não fosse tão próximo do pai, saber que tinha naquele homem baixo e roliço quem o ajudasse. Ainda se lembrava bem da manhã em que o abordara.

Na altura um mero assessor no gabinete que depois passara a chefiar, naquele dia, André sentava-se à sua secretária, acabado de regressar da rua com os matutinos. Outubro ia a meio; chovera copiosamente durante toda a noite e a manhã; enfrentara um trânsito caótico até chegar ao trabalho e, ainda por cima, levantara-se tarde, o que fizera com que não tomasse banho e o cabelo absorvesse a humidade do dia.

Sentia-se sujo, desconfortável, e à medida que folheava com pouco interesse os jornais, à procura de alguma notícia relevante, pensava se deveria ou não cortar rente o cabelo. *Máquina três? Ou será que dois ficará melhor?* Foi então que, pelo canto do olho, se apercebeu da entrada súbita do ministro na biblioteca do rei D. Carlos, o espaço no Palácio das Necessidades reservado ao Gabinete de Informação e Imprensa.

— Olá, André. Bom dia! — cumprimentou-o ele, bem-disposto

— Bom dia, Sr. Ministro — respondeu-lhe, disfarçando mal a curiosidade por ter à sua frente o recém-empossado ministro dos Negócios Estrangeiros, com uma chávena grande de café numa mão e um bolo polvilhado de açúcar noutra.

— Está muito ocupado?

— Não, fazia apenas a revista de imprensa. Posso ajudá-lo?

— Creio que sim. A partir de agora e durante o próximo mês, vai trabalhar diretamente com o Tavares — explicou, dando uma grande dentada no bolo.

André trocou um olhar surpreendido com Clara, uma colega, sentindo a perplexidade tomar conta de si.

— O Tavares? — repetiu. — De certeza que é com o Tavares?

— Está à beira da reforma — esclareceu João Santos Ferreira. — Segundo ele me disse, o André veio há pouco tempo para o ministério, mas é o mais qualificado. Por isso, vá ter com ele, para se pôr ao corrente do funcionamento das coisas — avançou, coçando a barriga saliente. — A partir do próximo mês, assumirá a chefia deste gabinete. Precisamos urgentemente de sangue novo. Vejo isto aqui tão atrasado, que até o bom do D. Carlos deve dar voltas no túmulo. Acho que está a ser subaproveitado. Encare a promoção como um desafio e não se intimide. De certeza que estará à altura de tudo o que for preciso.

Por momentos, o rapaz sentiu o mundo parar. Teria o Universo um sentido de humor tão mórbido, que lhe oferecia a oportunidade da sua vida logo no dia em que se desleixara ligeiramente e tinha o cabelo mais pastoso do que um tubo de cola?

— André, percebeu?

— Sim, claro.

— Ah, esqueci-me de dizer — avisou o ministro, com um ar baralhado. — Também vou precisar que passe a ser o meu secretário pessoal. Não vou chateá-lo muito e até lhe duplico o salário, mas é a melhor forma de interligar os dois serviços.

— Obrigado. Sinto-me honrado.

— Não me agradeça a mim. Faça-o à minha mulher. Ela não «vai à bola» com aquela pequena que lá está agora.

E fora assim que o homem a quem o país confiara a política externa lhe oferecera o cargo, enquanto limpava o açúcar da barba. Claro que se seguiram três anos de trabalho muito intenso, passados a modernizar e reorganizar um organismo que, antes dele, era completamente obsoleto — para além das idas frequentes à pastelaria, claro.

Mas acabara por ser o melhor para si. Depois de tudo o que lhe acontecera, não podia de deixar de se sentir grato por ter a oportunidade de mergulhar de cabeça em algo, de ter qualquer coisa que fizesse esquecer o disparate que cometera. Se bem que soubesse que nunca deixaria para trás uma coisa com uma dimensão daquelas. Aliás, nem lhe convinha.

Agora, com 27 anos, no topo da escadaria ocidental do Palácio Real sueco, André devolveu ao casal Santos Ferreira o sorriso cúmplice, compôs o casaco sobre os pulsos, coçou ligeiramente o cabelo — curto, cortado com pente dois e não três — e entrou no salão principal, orgulhoso por saber que merecia a confiança do ministro português.

Era por isso que, simultaneamente, uma culpa aguda lhe apertava o peito, preparando-se para, mais uma vez, enganá-lo, traí-lo e mentir-lhe.

Palácio Real, Estocolmo, Suécia
Cimeira da União Europeia - Baile de Encerramento

Ligeiramente atrás do casal Santos Ferreira, André entrou no salão, não deixando de se sentir maravilhado. Era difícil aceder a um espaço como aquele, engalanado para receber a nata dos políticos europeus e, por momentos, não pensar que fazia parte de uma história de encantar.

Tudo à sua volta brilhava e reluzia, fossem as joias, os vestidos, os candelabros, ou a decoração. Lustres imponentes pendiam do teto, acentuando ainda mais a pompa das circunstâncias, e a decoração nitidamente francesa, embora suavizada pela influência sueca, fazia jus a anos de história e de tradição na arte de bem receber.

Uma orquestra tocava uma melodia simples, clássica, o que fazia com que alguns pares estivessem a dançar. As senhoras, orgulhosas dos seus vestidos de gala, davam um colorido muito especial ao salão. E se na escadaria ocidental o tom dominante era o dourado, agora, o azul, o vermelho, o branco, o salmão, o preto, o verde-chá e o cor-de-rosa forte dos tecidos acetinados pareciam fundir-se num arco-íris inebriante, enquanto os casais rodopiavam pela pista improvisada.

Um empregado aproximou-se dos três, equilibrando com destreza uma bandeja de flutes de champanhe. O ministro fez sinal a André, que aceitou servir-se, ao contrário de Madalena. O jovem

secretário acompanhou-os durante alguns metros, molhando ligeiramente os lábios na bebida.

— Aproveite — disse-lhe João. — Trabalhou todo o dia. Agora, distraia-se um pouco.

— Sim, tenho alguns amigos aqui. Vou procurá-los.

— Não iremos ficar durante muito tempo. Amanhã, o nosso voo é cedo, não é?

— Às sete. Antes de virmos, deixei tudo tratado. Bastar-nos-á sair do hotel a tempo de chegarmos a horas ao aeroporto de Arlanda.

— Ótimo. Depois, vá connosco. Encontramo-nos lá em baixo, no sopé das escadas?

— Certo.

André ficou a ver o casal afastar-se, misturando-se com as outras pessoas. Deviam estar ali dentro mais de cento e cinquenta convidados. Disfarçadamente, começando a andar pela periferia do salão, retorceu o dedo do pé que o magoava. Ao ver passar outro criado, roubou-lhe um canapé. Foi então que se cruzou com uma rapariga de cabelo curto, castanho-claro e espetado, com um ar muito fresco, olhos cor de amêndoa, um metro e setenta de altura e um vestido amarelo-claro. Chamava-se Marie, era filha do embaixador francês na Suécia, e acompanhavam-na duas amigas bastante mais jovens, quase adolescentes.

Quando se cruzaram, a jovem deixou escapar um sorriso tímido, ao qual ele retribuiu com uma piscadela de olho ainda mais discreta, continuando a circular. Imediatamente a seguir, nas suas costas, as duas amigas de Marie começaram a trocar segredos, entre risinhos colegiais.

André ignorou-as e contemplou o baile. No centro, o ministro dos Negócios Estrangeiros português esforçava-se por ensaiar com a mulher uns passos de dança. Deliciada, Madalena soltou uma gargalhada, manifestando toda a sua felicidade. Mais à frente, vislumbrou também a chanceler alemã e o marido, que falavam com alguém da comitiva polaca, que não tinha a certeza de saber quem era. E, claro, como não poderia deixar de ser, a família real sueca, com Madalena, Vitória e os respetivos cônjuges devidamente inacessíveis.

O jovem português aproximou-se de uma planta que era quase da sua altura. Concentrado nos casais que dançavam diante de si, esticou o braço por trás das costas e despejou no vaso o copo de champanhe. Na realidade, não bebia.

— *Var finns toalettt?*

André virou-se sobre o ombro, ao ouvir a voz forte, bem colocada, que se dirigia a ele. Vinha de Anssi, um dos assessores do primeiro-ministro francês. A mãe era finlandesa, o que justificava o nome, tal como a aparência nórdica.

Os secretários das comitivas cochichavam frequentemente que aquele colega viera de outro mundo. Da mesma altura que o português, com 29 anos, era extraordinariamente atlético, dono de uma pele muito branca e de uns olhos verde-água. Se aquelas características não fossem suficientes para humilhar qualquer um dos homens presentes na sala, o cabelo louro, comprido, penteado em tranças de influência afro davam um toque sublime de exotismo e tratavam do resto.

— Não faço ideia de onde ficam os lavabos — respondeu-lhe André, cumprimentando-o com um aperto de mão. — Mas o meu sueco não é grande coisa.

— Isto está mesmo a descer de nível. Como é que te deixaram entrar aqui? — perguntou-lhe Anssi, sarcástico.

— Da mesma forma que convidaram homens com trancinhas. A propósito de meninas, ainda não vi hoje a tua namorada.

O francês esboçou uma expressão fingida de ultraje.

— Enfiou-se na casa de banho há mais de vinte minutos — resmungou ele. — Não sei o que fazem elas tanto tempo lá dentro.

— Perguntas tu e todos os homens do mundo.

Uma *socialite* sueca com um ar esfomeado passou pelos dois e deixou cair um olhar interessado. Apercebendo-se disso, Anssi fitou André, que não reagiu.

— Não te faças de parvo que aquilo não foi dirigido a mim.

O secretário português balançou ligeiramente o corpo, apoiando-se nos calcanhares, viu que horas eram e mudou radicalmente de assunto e de expressão:

— Inseriste o sinal gravado no circuito de videovigilância?

Anssi hesitou momentaneamente, como se estivesse à espera de que o colega respondesse à sua provocação. Desistindo, por fim, disse discretamente:

— A *Blue* trata disso. Estudaste a planta?

— Uhum.

— Já tens o cartão?

— Não. O Toby disse-me que serei contactado por um tipo chamado *Charlie*. Sabes de quem se trata?

André referia-se ao responsável pelo departamento técnico dos serviços para os quais ambos trabalhavam.

— Não. Deve ser alguém novo. Avisa-me pelo canal 1 quando estiveres pronto. Eu e a Monique damos-te cobertura, como planeado.

— Se ela alguma vez sair da casa de banho.

— Mulheres...

— São piores do que comadres! — ouviram dizer uma voz feminina, nas costas de ambos.

Tratava-se da namorada de Anssi. Loura, um ano mais velha do que o companheiro, tinha os olhos azuis e feições clássicas, lindíssimas, com uma beleza sóbria, que dispensava qualquer tipo de adorno.

Monique aproximou-se e cumprimentou André com um beijo leve numa das faces. O perfume que usava, fresco, ligeiramente picante, era delicioso.

— Estás bom?

— Agora, sim — respondeu-lhe o português, sorridente.

Parado ao lado dos dois, Anssi olhou-a, de sobrolho carregado.

— Vamos dançar — pediu ela, acariciando-lhe o cabelo.

— Onde é que te meteste?

— Vamos dançar — insistiu Monique, fazendo beicinho.

— Perdi a vontade.

A inglesa aproximou-se ainda mais do namorado e segredou-lhe algo ao ouvido. Depois, afastou-se, sem, no entanto, lhe largar a mão. Fez uma expressão inocente.

— Vamos dançar?

Anssi continuou a fitá-la com um semblante grave. Finalmente rendido ao seu encanto, cedeu, encolheu os ombros na direção de André e praguejou qualquer coisa em finlandês, seguindo-a para o centro da pista. Monique vestia um fato vermelho-escuro, enfeitado com brilhantes, enquanto o francês parecia um manequim, chamando a atenção de todos os outros pares pela sua elegância e singularidade. Ele encostou-a a si e os dois começaram a dançar. Formavam um casal muito bonito.

André deixou-se ficar no mesmo sítio, admirando-os. Continuava a identificar várias caras conhecidas. Ao longe, reparou nos guardas do palácio, trajados com os uniformes azuis, controlando os acessos aos corredores. O rapaz respirou fundo e preparou-se para arrancar novamente. Foi nessa altura que sentiu no braço uma mão fina.

— Quer dançar?

Ele ficou momentaneamente sem reação. Uma mulher quase da sua altura estava ao seu lado, envergando um vestido branco só com uma alça, que a tornava deslumbrante. Provavelmente mais nova, talvez com vinte e poucos anos, usava óculos e tinha o cabelo castanho apanhado num carrapito, fazendo lembrar uma bailarina.

— Vai ficar pregado ao chão? — insistiu ela, revelando um sotaque espanhol acentuado.

— Conhecemo-nos?

— Não — confessou a mulher. — Chamo-me Catarina — explicou. — Mas os amigos tratam-me por *Charlie*.

Palácio Real, Estocolmo, Suécia
Cimeira da União Europeia – Baile de Encerramento

André olhou para Catarina com um interesse disfarçado. Os seus olhos escuros brilhavam intensamente e, apesar de estarem protegidos pelas lentes, pareciam não conseguir ocultar um nervosismo ligeiro, enquanto ele a conduzia discretamente até à pista.

O rapaz levou-a para uma posição perto do centro do salão, colocou a mão um pouco abaixo do ombro dela e os dois começaram a dançar, acompanhando a valsa tocada pela orquestra. O casal Santos Ferreira, que estava por perto, mirou-os com curiosidade.

– Tem uns olhos de uma cor muito bonita – começou por dizer a rapariga, numa tentativa óbvia de quebrar o gelo. – Herdou-a do seu pai?

– Não. Do meu avô.

– Um português alto, atlético, moreno, com olhos verdes... Hum, devo ser a mulher mais invejada da sala.

– As aparências iludem.

A rapariga não respondeu. Parecia algo tímida. Percebendo que ele reparara, observou casualmente os outros pares que dançavam por ali, antes de voltar a falar:

– O seu apelido... Marques-Smith. O seu pai é americano, não é?

— O meu apelido? Vejo que está bem informada — retorquiu André. — Mas não, o meu pai é francês e a minha mãe é portuguesa. O meu avô é que era norte-americano. Daí a composição dos dois sobrenomes.

— Fui inconveniente — desculpou-se Catarina, demonstrando algum embaraço.

— De modo algum. Como é que soube?

— A habitual curiosidade feminina — justificou-se ela. — Presumo que saiba como funciona.

— Uhum — anuiu ele, desconfiado.

— Foi a Marie — admitiu a espanhola.

— Conversas de gabinete, calculo.

— De Estado. Por sinal, altamente secretas.

— Então, está explicado — concluiu André, divertido.

O par continuou a dançar, passando casualmente por outros casais, incluindo o primeiro-ministro italiano e a acompanhante mais recente, que revelava os atributos habituais. A orquestra mudou subitamente de ritmo e a rapariga afastou-se, como se desejasse ir-se embora.

— Tenho pés de chumbo, é?

— Não, não. Dança muito bem. Preciso de ir, mas espero que leve consigo a recordação desta dança.

Sentindo-se fascinado pela beleza de Catarina, o secretário português ficou a vê-la sair da pista. Discretamente, levou a mão ao bolso das calças. *Charlie* despedia-se. Porém, antes, fizera a sua parte — deixara-lhe um cartão.

André afastou-se também para uma zona mais recatada. Oculto por uma coluna de pedra, levou a mão ao ouvido e ligou o auricular que usava.

— *White Knight* e *Ice Lady*, *Freelancer* a chamar — sussurrou.

— Transmite, *Free* — respondeu Anssi, fingindo segredar algo ao ouvido de Monique.

— Já tenho o cartão. Estou pronto a avançar.

— OK. Aguarda o meu sinal.

— À espera.

— *Blue Swan*, aqui *White*. Insere o sinal.

— *Roger* — respondeu uma voz jovial.

Na sala de vigilância do Palácio Real sueco, Gustav, Fredrik e Carl, os três guardas de serviço naquela noite, iam lançando olhares às gravações do circuito interno de videovigilância, enquanto jogavam uma partida de cartas. Tudo parecia estar a decorrer normalmente. Apesar da receção ser de alto nível, não se esperavam perturbações.

Por isso, os três homens continuaram entretidos com o jogo, providenciando pouca atenção aos ecrãs a preto-e-branco. A escadaria, o salão principal, os corredores, o Tesouro Público...

Distraídos, não repararam no corte breve nas imagens que ocorreu de seguida.